

ENTRE A IMAGEM E O SENTIDO: UMA ANÁLISE CULTURAL DA OBRA ARTÍSTICA DE DEIVID PEREIRA

Dallyana Jussara da SILVA¹
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
dallyanajussaras@gmail.com

Andreina Silva TAUMATURGO²
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
andreinassilva@gmail.com

Edneia de Oliveira ALVES³
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
edneiaalvesufpb@gmail.com

RESUMO: A produção artística surda é um artefato essencial para a expressão das identidades e discursos surdos na contemporaneidade. Este artigo analisa a produção de sentidos em uma obra de um artista surdo, sob abordagem qualitativa fundamentada em Bakhtin (1997, 2006), Brait (2009, 2013), Strobel (2018) e Stumpf (2005), compreendendo a Libras como língua de modalidade verbo-visual (Lima, 2024; Silva, 2024). O corpus articula a imagem de uma mulher em sofrimento ao registro em *SignWriting*. A análise desta materialidade demonstra como a composição visual e a escrita da Libras operam como artefatos discursivos de resistência, denunciando o silenciamento e a violência de gênero, ao mesmo tempo que visibilizam os sentidos de emancipação na cultura surda.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; surdo; verbo-visual; sentido; significação.

BETWEEN IMAGE AND MEANING: A CULTURAL ANALYSIS OF THE ARTISTIC WORK BY DEIVID PEREIRA

ABSTRACT: Deaf artistic production is an essential artifact for expressing deaf identities and discourses in contemporary society. This article analyzes the production of meaning in an artwork by a deaf artist, using a qualitative approach based on Bakhtin (1997, 2006), Brait (2006, 2013), Strobel (2018), and Stumpf (2005), understanding Libras as a verbal-visual language (Lima, 2024; Silva, 2024). The corpus links the image of a suffering woman to a SignWriting record. The analysis of this materiality demonstrates how the visual composition and sign language writing operate as discursive artifacts of resistance, denouncing silencing and gender violence, while visibility is given to the meanings of emancipation within deaf culture.

KEYWORDS: deaf culture; deafness; verbal-visibility; meaning; significance.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB).

² Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB).

³ Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Línguas de Sinais (DLS/UFPB).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de um estudo cujo objetivo foi analisar verbo-visualmente o sentido de uma obra produzida por Deivid Pereira, artista surdo. Tal análise fundamentou-se na ideia de que a cultura é a identificação de um povo; uma grande organização que atribui a cada um dos seus membros um lugar em que ele pode trabalhar no espírito do conjunto e é, perfeitamente justo que o seu poder seja medido pela contribuição que consegue dar ao todo (Wittgenstein, 2019).

A língua de sinais como elemento crucial da cultura do povo surdo é defendida por Strobel (2018) como sendo um dos artefatos culturais que caracterizam essa comunidade e, portanto, como um aspecto fundamental da cultura surda. Nesse sentido, falar de cultura é falar de um povo de características próprias, bem como dos elementos que compõem e identificam determinada comunidade. Caracterizamos o povo surdo como sendo, segundo a autora, “sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, um código ético de formação visual, tais como língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços” (Strobel, 2018, p. 38).

O sujeito surdo possui uma experiência no “mundo surdo” através da visão e da língua de sinais, na modalidade sinalizada e escrita, e da cultura surda, como afirmam Oliveira-Filho e Alves (2019). Nessa perspectiva, compreendemos a Libras como uma língua de modalidade verbo-visual (Lima, 2024; Silva, 2024), cuja constituição integra imagem e sinal em um todo significativo. Compreendemos que imagem não se limita às produções artísticas, como pinturas ou desenhos, mas abrange tudo aquilo que pode ser apreendido por meio da visão. Nessa perspectiva, entendemos que a imagem constitui um elemento fundamental da Língua de Sinais, de modo que seus signos são, simultaneamente, unidades linguísticas e imagens visuais.

Consideramos, ainda, que a Libras não se restringe à sua modalidade sinalizada,

mas compreende também a escrita de sinais. Essa forma de representação gráfica não pode ser desconsiderada, pois constitui um importante meio de registro da língua, contemplando seus aspectos linguísticos, paralinguísticos, gramaticais e discursivos. Nesse sentido, “com a aprendizagem da escrita de sinais, os surdos vão ter a oportunidade de desenvolver uma nova cultura, que é a cultura surda escrita, um pouco diferente da cultura surda sinalizada” (Stumpf, 2005, p. 38), recurso este justamente utilizado na constituição da obra aqui analisada.

A imagem e o texto utilizados na construção de uma obra apresentam a mesma força e importância e, segundo Brait (2009), isso é possível devido à construção de uma esfera estético-ideológica que possibilita e dinamiza a sua existência, de modo que interfere diretamente nas formas de produção, circulação e recepção.

As discussões apresentadas neste artigo abordam a importância do registro da escrita de sinais para a língua e a cultura surda, além de explorarem os conceitos de sentido e significação. O texto também analisa a obra produzida pelo artista surdo, fundamentando as argumentações nos aportes teóricos apresentados.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta seção, apresentamos os princípios que fundamentam a análise desenvolvida neste estudo. Para tanto, discutimos a importância da escrita de sinais para a cultura surda e sua constituição, bem como as concepções de sentido e significação formuladas por Bakhtin e pelo Círculo. Esses pressupostos constituem a base teórica fundamental para a compreensão dos sentidos produzidos na obra.

2.1 A escrita de sinais

Breda (2016) explica que a história do sistema *SignWriting* se iniciou com a sua

desenvolvedora, Valerie Sutton, uma especialista em movimentos do Centro para a Escrita do Movimento, que leva o seu nome. No caso da escrita de sinais, existe uma adaptação aos sinais de movimentos que a autora descreveu para ensinar a dança mais facilmente aos seus alunos, representando-os no papel ou no computador.

A escrita das línguas de sinais pode ser realizada por meio do Sistema *SignWriting* que, segundo Stumpf (2005, p. 226), constitui “uma ferramenta que permite inclusão de textos em português; inserção de figuras e imagens; base de dados expansível; possibilidade de fazer traduções; dicionário de sinais”. Nesse contexto, a escrita das línguas de sinais atua como um artefato de registro e expressão da modalidade verbo-visual da Libras (Lima, 2024; Silva, 2024), uma vez que essa língua se constitui a partir do processamento de elementos visuais e verbais que ocorrem simultaneamente no espaço.

Quadros e Schmiedt (2006) afirmam que a escrita de sinais é um sistema não alfabético que representa as unidades espaciais e visuais da língua. Ou seja, as línguas de sinais não são ágrafas, sendo também representadas na modalidade escrita. Dessa forma, a importância de seu uso torna-se uma marca identitária de um povo e uma forma de registro linguístico.

No mesmo sentido, Paixão e Alves (2018) explicam que a escrita de sinais precisa representar a língua que é produzida pelo corpo e percebida visualmente. Segundo os autores, a escrita no sistema *SignWriting* é uma representação gráfica que tem suas origens na lógica da visualidade da língua de sinais, registrando seus aspectos fonológicos de forma iconográfica.

Dessa maneira, é importante colocar a escrita como forma de representação de uma língua, tornando-a ainda mais completa. A Libras é caracterizada como uma língua verbo-visual (Lima, 2024; Silva, 2024) e pode ser representada na escrita, pois o *SignWriting* abarca a estrutura dessa língua e as suas formas de representações visuais, assim como sua

estrutura gramatical.

A escrita é a representação de um sistema primário, que geralmente é a fala. Uma linguagem sem escrita própria tende a ser passageira, menos precisa, dependente do momento, do lugar, de quem comunica e da memória (Stumpf, 2000). Por sua natureza, a escrita dessa língua permite construir um modelo teórico a partir da realidade, expressando a coerência ao criar relações entre os elementos, possibilitando a elaboração de um ponto de vista sobre o mundo que transita do aspecto conjuntural, expresso pela língua de sinais, para o estruturado, expresso pelo texto (Stumpf, 2005).

Com base nessas colocações, são evidentes a importância e a necessidade dos surdos se apropriarem da escrita da sua língua natural, tanto para a comunicação como para a escrita, pois ela acrescenta ainda mais propriedade ao uso da língua. Nessa perspectiva, a escrita pode ampliar as possibilidades de estudos aplicados às línguas de sinais e o acesso à cultura escrita da população surda.

2.2 O conceito de cultura e a constituição da cultura surda

Cultura diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos (Santos, 2017). Todas as produções realizadas pelos seres humanos se constituem como ações culturais, além de serem resultados das suas vivências pessoais. Toda ação parte de uma ideia cultural condicionada ou convencionada pelos grupos, comunidades, entre outros.

O autor também explica que cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que faça sentido às suas práticas, aos costumes, às concepções e às transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos.

Nessa perspectiva, Paixão e Alves (2018, p. 55) afirmam que “a língua de sinais é

um fundamental instrumento de expressão de cultura e identidade e a escrita de sinais é uma modalidade que pode contribuir nesse processo”. Os autores ainda explicam que, a língua de sinais é um instrumento de interação e um elemento muito importante para o desenvolvimento humano dos surdos no mundo. Faz-se necessário que sejam assegurados aos surdos espaços de interlocução em língua de sinais. Para isso, é importante que as instituições sociais como família, educação e outras tenham a língua de sinais como bases comunicacionais.

Ribeiro (2010) afirma que a cultura, numa visão mais recente, passou da perspectiva funcionalista para a estruturalista, com ênfase na competência simbólica e cognitiva, a qual ajuda as pessoas a perceberem, sentirem e agirem através dos processos mentais resultantes de um sistema partilhado de símbolos e significados. Tem-se, portanto, cultura com uma abrangência muito maior dentro de nossa sociedade. As produções culturais não se limitam, por assim dizer, aos materiais, mas avançam também aos processos mentais, bem como às linguagens, pois toda linguagem produzida também marca a cultura de um povo.

Strobel (2018) explica que a cultura não é algo estático, mas está em constante transformação, resultado das produções coletivas e do desenvolvimento cultural das gerações passadas. No contexto da cultura surda, a autora destaca dois dos oito artefatos utilizados por esse grupo. O primeiro é o artefato cultural linguístico, representado pela língua de sinais, a Libras, e sua escrita. O segundo refere-se às produções de artes visuais, que sintetizam as emoções, histórias, subjetividades e a cultura da comunidade surda.

Nesse sentido, Karnopp (2010) explica que na cultura surda, a experiência visual e o uso da língua de sinais sustentam o encontro e a vida da comunidade surda. Para escaparem da ridicularização imposta por muitos sobre o uso da língua de sinais e de seus bens culturais, das ações intolerantes e até proibitivas, os surdos se organizam em

comunidades, buscando o fortalecimento da língua de sinais, da identidade e da cultura surda. Nesta perspectiva, a autora diz que a literatura surda adquire o papel de difusão da cultura surda, dando visibilidade às expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual.

As representações artísticas, segundo Borges e Alves (2019), são de grande importância para o sujeito Surdo, uma vez que esses tipos de produções estão diretamente ligados ao campo visual, contribuindo positivamente para o desenvolvimento educacional, cognitivo e social do sujeito que interage com o mundo por meio da visão.

De acordo com Oliveira-Filho (2021), o termo Surdo, com “S” maiúsculo, tem sido utilizado como uma estratégia intencional de empoderamento que visa reconhecer e valorizar a identidade cultural e linguística dos sujeitos surdos atuantes na sociedade. Essa grafia enfatiza seus valores sociais, o contexto histórico e as suas produções artísticas.

Tal traço evidencia o protagonismo desses sujeitos nos espaços que ocupam, reforçando não apenas o seu lugar de fala, mas também o seu lugar de pertencimento e de reconhecimento enquanto sujeitos cujas características singulares revelam uma comunidade ativa e produtiva. Assim, a arte produzida por esses sujeitos não busca apenas “fazer parte”, mas reafirma a arte como um espaço de atuação e existência.

Essas produções, que são artefatos oriundos da comunidade surda, utilizam-se de aspectos culturais como a língua escrita e imagens, sejam verbais, não verbais ou de natureza mista, e contribuem fortemente para que haja mais respeito e espaço para os artistas surdos de modo geral, legitimando esses sujeitos enquanto produtores e divulgadores das mais variadas artes, seja no teatro, no cinema, na literatura, entre outros.

2.3 Sentido e significação

Compreender o sentido a partir de Bakhtin e o círculo nos possibilita desvendar a

profundidade do que é dito e do não dito. Bakhtin (2006) diz que todo signo é provido de significação e que toda significação é associada ao signo, à identidade e à variabilidade, ao universal e ao particular, ao social e ao individual, à coesão e à divisibilidade, à enunciação e ao enunciado. Segundo o autor, tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.

Bakhtin (2006) afirma que o sentido é construído pelo sujeito a partir das relações sociais com os pares, influenciado pelo contexto em que está inserido e este é formado por intermédio das interações sociais feitas pelas pessoas como forma natural da sociedade.

Como tudo o que é ideológico, tudo aquilo que produz sentido é a expressão ou representação de um determinado conceito. Para o autor, o sentido produzido pelos sujeitos em um determinado espaço e tempo representa o saber no contexto em que ele se insere, uma vez que o sujeito é formado socialmente, ou seja, sentido e significado são responsáveis pela compreensão da realidade na qual o sujeito encontra-se imerso. Nessa visão proposta por Bakhtin, Brait (2009) destaca que a dimensão verbo-visual é essencial na construção dos sentidos nos textos, sendo impossível tratar separadamente os elementos verbais e visuais, pois sua articulação cria um todo indissolúvel.

Sendo essa a vertente seguida pelo artigo, propomos uma análise fundamental acerca da produção de sentido e significação da obra produzida pelo artista Surdo Deivid Pereira. Para tanto, fundamentamos a discussão na perspectiva de Bakhtin (1997, 2006) sobre a linguagem e os processos de interação, compreendendo-os como elementos centrais da ação desse fenômeno social.

Nesse sentido, qualquer estudo sobre a língua deve se concentrar em sua manifestação real e objetiva, pois a linguagem é a expressão da interação discursiva entre os sujeitos, situada em um momento e espaço específicos, sendo única e irrepetível

(Vianna, 2019).

A produção de sentido dada dentro do uso da linguagem e da língua em si atua diretamente com o que se pretende atingir, pois é através da interação que a significação do mundo à nossa volta é concebida. Cabe perceber a realidade das produções pela linguagem para quem a produz e os impactos que se busca causar.

Bubnova, Baronas e Tonelli (2011), à luz de Bakhtin, explicam que o sentido da palavra dita se funde com a ação, adquirindo poder, enquanto a palavra escrita mantém esse poder sobre o mundo, sendo capaz de provocar respostas no outro. A palavra escrita, portanto, deve ser vista como um reflexo do discurso oral, traduzido em traços estruturais que formam uma voz escrita. Embora a língua não defina totalmente a experiência humana, ela está presente em todas as esferas da vida, influenciando ações, sentimentos, pensamentos e manifestações artísticas, sendo essencial para a produção de sentido, sempre marcada pelo contexto histórico e temporal.

Nesse sentido, Brait (2013) diz, sob a perspectiva dialógica, que o enunciado/texto verbo-visual se caracteriza como dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva), de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, evidenciando relações mais ou menos tensas, entretecidas pela interação face a face promovida entre verbal e visual, os quais se apresentam como alteridades que, ao se defrontarem, convocam memórias de sujeitos e de objetos, promovendo novas identidades.

A autora explica que os sentidos e significados se produzem e se revelam externamente, sendo que a produção de sentido ocorre tanto no verbal quanto no visual. Assim como um texto precisa do leitor, a produção de sentido depende do olhar do outro. O elemento visual articula-se ao verbal de formas diversas em cada enunciado, interferindo na composição, estilo e temas, formando projetos de construção de conhecimento verbo-visualmente constituídos (Brait, 2013).

Seguindo tal pensamento, Fernandes (2014) explica que o texto é um tecido linguístico de um discurso. Esse tecido concretiza-se em uma forma condicionada pelos elementos que intervêm em sua produção e reprodução. É por meio da textualidade que se realiza não apenas a função pragmática da informação, mas também o reconhecimento social do texto. Nessa perspectiva, a Semiótica compreende a imagem como um texto, não apenas devido às configurações estruturais linguísticas, como as legendas ou diálogos, mas também pela sua própria visualidade, que se torna inteligível por meio de elementos não visuais, conforme observa o autor.

Considerando que o sentido é construído tanto pelo texto quanto pela imagem, Fernandes (2014) explica que o jogo textual se estabelece a partir da interação entre três componentes fundamentais: o autor, individual ou coletivo, o texto e o leitor. O texto escrito só adquire significado quando há a intervenção do leitor e isso explica a manipulação de formas e técnicas que constituem o universo produtivo. Sobre isso, Bakhtin (1997) defende que a forma de uma obra depende tanto do conteúdo quanto das características do material utilizado e que o processo artístico não se resume à elaboração do material verbal, mas envolve também a criação de um conteúdo específico que recorre a um material determinado.

Dessa forma, compreendemos que a Semiótica discursiva e narrativa não se limita às manifestações de sentido expressas por uma única linguagem, mas também se dedica à análise das “semióticas sincréticas”, ou seja, das relações construídas entre o verbal e o não visual, tendo em vista que a Semiótica se configura como uma teoria da significação (Fiorin, 2004).

Para a comunidade semiótica, segundo Formentão (2010), o que realmente importa é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, considerando não apenas o ponto de vista enunciativo, mas também as condições de produção e a interação

entre sujeitos. O sentido refletido nas marcas ideológicas materializa as esferas e os campos sociais, revelando a forma ideológica da interação comunicativa.

O autor afirma que Bakhtin também aborda as relações entre linguagem, sociedade e ideologia, analisando o discurso em sua forma e conteúdo como objeto de significação social e histórica, incluindo a enunciação e suas particularidades, conectando sujeitos no processo verbal e extraverbal, bem como o processo de circulação dos discursos e a necessidade do outro na alteridade e no dialogismo, categoria fundamental para compreender as relações culturais.

A compreensão de uma obra, texto ou produção humana deve levar em conta não apenas os meios em que foi produzida, mas também as particularidades de sua construção, considerando que todo discurso é ideológico e, por isso, toda produção é gerada a partir de ideias e concepções, com o objetivo de conectar os sujeitos no processo de interação social (Bakhtin, 1997).

Sobre isso, Lima (2010) diz que uma das grandes contribuições do pensamento bakhtiniano é a caracterização da linguagem, sobretudo, da palavra como um elemento carregado de historicidade, o que implica considerar, para o seu estudo, não somente o aspecto interior e sistemático, mas a exterioridade que a acompanha quando colocada em interação no diálogo vivo. É nessa perspectiva que a análise do artigo foi construída.

3 METODOLOGIA

Para o estudo da obra, adotamos uma abordagem qualitativa e utilizamos a análise dialógica do discurso como procedimento metodológico para a investigação do *corpus* verbo-visual. Nessa perspectiva, buscamos discutir o sentido da obra dentro das abordagens teóricas anteriormente apresentadas e analisamos os elementos que dão significação a produção artística surda.

O *corpus* da pesquisa é constituído por uma obra artística do autor Surdo Deivid Pereira, composta por uma imagem verbo-visual. A obra analisada integra o conjunto de produções artísticas de Deivid Pereira e foi divulgada em sua página **Dsw Signwriting** no Instagram, disponível em: <https://www.instagram.com/p/DA8Dd7bpSZx/?igsh=MWttMHZzejU2MzdscA==>.

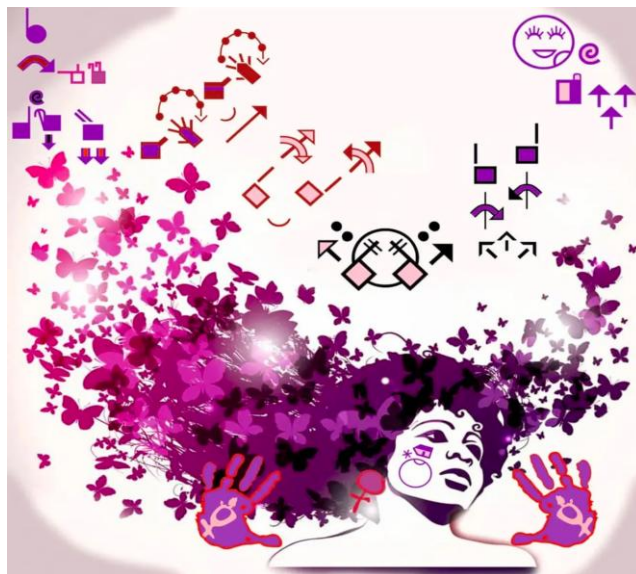
A obra foi analisada a partir de seus aspectos culturais, linguísticos, visuais e históricos, buscando compreender os elementos mobilizados pelo autor na construção de sua expressão artística. Para a realização da análise da obra, foram empreendidas sucessivas leituras das dimensões verbal, visual e verbo-visual. Inicialmente, realizamos a leitura dos elementos que compõem a obra, partindo da imagem e, em seguida, das palavras registradas em escrita de sinais. No segundo momento, analisamos a relação entre os sentidos produzidos pelo texto visual e pelo texto verbal. Por fim, empreendemos uma leitura integrada da obra em sua dimensão verbo-visual, considerando a articulação entre esses elementos na construção dos sentidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O artista é natural de Nazaré da Mata, localizada na Zona da Mata Norte de Pernambuco, e atua como pedagogo. Deivid Pereira é graduado em Letras–Libras pela UNIASSELVI, na modalidade de Educação a Distância (EaD), e desenvolve produções artísticas que articulam imagens e a escrita de sinais por meio do sistema *SignWriting*.

A obra é composta por uma imagem e por um texto em escrita de sinais. Na tradução para a língua portuguesa, lê-se: “25 de novembro – Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher”. A tradução foi realizada por tradutor/intérprete de Libras.

Figura 1 – Obra artística de Deivid Pereira



Fonte: Instagram Dsw *Signwriting* (2024)

O primeiro aspecto a ser discutido na análise da obra refere-se à sua constituição verbo-visual. Observamos que o artista articula uma imagem a um texto verbal, este registrado em escrita de sinais. A carga cultural presente nesses elementos nos remete à ideia do sentido e da significação colocadas nesta expressão artística. Como afirmam Borges e Alves (2024), é uma arquitetônica de um enunciado verbo-visual em que a imagem e o linguístico se coadunam, tornando-se uno.

Segundo Brait (2013), na produção de sentido, o elemento visual articula-se ao verbal de maneiras distintas em cada enunciado, influenciando a composição, o estilo e, conseqüentemente, os temas produzidos, resultando em projetos de construção de conhecimento verbo-visualmente constituídos. Nessa perspectiva, a obra analisada integra elementos visuais e linguísticos para alcançar a produção de sentido desejada pelo autor: os elementos visuais são representados pela imagem da mulher, enquanto o texto escrito também contribui para a construção de significado.

O elemento visual é marcado fortemente na obra e, nesse sentido, Fernandes (2014) explica que a composição de uma imagem opera tanto como um signo icônico, representando o real por meio de semelhança, quanto como um elemento simbólico,

carregando ideias abstratas intencionadas pelo autor. Essas ideias são codificadas na mensagem e interpretadas pelos leitores com base em convenções sociais e culturais que se enquadram na violência sofrida pela mulher na sociedade.

As ideias e os sentimentos expressos na obra remetem à violência historicamente sofrida pelas mulheres, bem como ao silenciamento imposto pela cultura da opressão.

Entendemos que violência, em sua forma mais comum, envolve a utilização de diversos tipos de poder físico, psicológico ou intelectual para impor a vontade de um indivíduo sobre outro, restringindo sua liberdade e silenciando suas escolhas, frequentemente por meio de sérias ameaças ou até de danos físicos, comprometendo, assim, seus direitos essenciais (Teles; Melo, 2017).

Na composição da obra, sobressai a imagem de uma mulher negra com as mãos voltadas para o interlocutor, exibindo as palmas, sobre as quais se encontra representado o símbolo biológico do sexo feminino. A figura apresenta o rosto levemente inclinado, com uma expressão facial séria e o olhar direcionado para a lateral, posicionada como se estivesse sendo comprimida contra uma parede de vidro, já que conseguimos ver toda a sua face, mãos e cabelos. Estes são longos, encaracolados e aparecem esvoaçando para o lado e transformando-se em borboletas que voam para o alto. Acima da imagem da mulher, está escrito em Libras “Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher”. No rosto da mulher, encontra-se a assinatura do autor.

As mãos espalmadas contra uma superfície rígida, como se estivessem sendo pressionadas, simbolizam a opressão que priva as mulheres do direito de enfrentar as violências às quais são submetidas. Acuadas e isoladas, veem-se privadas da possibilidade de romper o silêncio e, por meio de suas vozes, buscar libertação de seus algozes. Muitas mulheres sofrem por anos, não apenas em relacionamentos amorosos, mas também em diferentes contextos sociais. Seus direitos são frequentemente desrespeitados.

Segundo Ribeiro (2024), a violência de gênero no Brasil é um fenômeno multifacetado que se manifesta de diversas formas, abrangendo as dimensões física, sexual, psicológica e patrimonial. A autora pontua que, apesar dos avanços e esforços empreendidos desde a implementação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que é um dos principais marcos normativos para o seu enfrentamento, os índices de violência permanecem em patamares alarmantes.

O rosto, representado visualmente como se também estivesse sendo pressionado, reforça a ideia de opressão expressa pelas mãos. Essa representação sugere que todo o corpo da mulher se encontra aprisionado por uma violência que se manifesta de diferentes formas.

Essa persistência evidencia a gravidade do problema, que tem se intensificado e tornado o cotidiano de muitas mulheres um cenário de vulnerabilidade extrema. Diante desse panorama desesperador, o registro diário de inúmeros casos reforça a urgência de mecanismos que combatam essa realidade estrutural, que interrompe trajetórias e marca a história de tantas mulheres.

A rede de proteção legal às mulheres no Brasil tem como principal marco a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que tipifica as formas de violência em física, sexual, patrimonial, moral e psicológica. É fundamental compreender que a violência de gênero é um fenômeno democrático e cruel: ela não escolhe classe social, nível de escolaridade ou raça, atingindo desde as mulheres em situação de maior vulnerabilidade até aquelas em posição de alto poder aquisitivo. Essa violência destrói trajetórias e fere o direito básico à vida e à dignidade.

De acordo com a Lei nº 13.104/2015, o feminicídio configura-se como um crime hediondo, caracterizado pelo assassinato de uma mulher pelo simples fato de sua condição de gênero, ou seja, mata-se a mulher por ela ser mulher. Não se trata apenas de um

homicídio comum, mas de uma violência extrema direcionada ao gênero feminino, que retira da vítima o direito de existir e de ter voz.

A gravidade do cenário é corroborada pelos indicadores estatísticos recentes. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2026), o Brasil atingiu patamares históricos de feminicídio em 2025, superando os registros de anos anteriores. Esse crescimento evidencia que, apesar dos avanços da Lei nº 13.104/2015, a violência letal contra a mulher permanece como um problema estrutural. Tais números ratificam a urgência apontada nas obras de Deivid Pereira, que denunciam a violência contra a mulher e traz a discussão para a comunidade através da Libras escrita. É importante destacar que o artista é um homem e que sua obra se posiciona no enfrentamento da violência praticada por homens contra as mulheres. Esse fator é importante para evidenciar que nem todos os homens praticam esse tipo de violência e que há aqueles que se posicionam de maneira contrária a essas ações, assumindo uma postura de enfrentamento e rejeição à violência contra as mulheres.

Por se tratar de uma produção de um artista da própria comunidade, que mobiliza elementos da cultura surda, a discussão abrange a problemática da violência sofrida especificamente pela mulher surda. Esta busca ser valorizada e respeitada em sua dupla condição identitária: enquanto mulher e, sobretudo, enquanto surda. Ser mulher e ser mulher surda são duas situações que implicam o discernimento sobre direitos de igualdade social (Martins, 2008).

Desse modo, Botelho (2024) corrobora com essa discussão ao apontar que é necessário haver na literatura uma representação de mulher empoderada e fora do sistema do patriarcado. É preciso enfatizar que a mulher surda também é vítima de violências física e sexual, sofrendo de forma análoga à mulher ouvinte; contudo, a surdez impõe uma carga adicional de vulnerabilidade, acentuada pelas persistentes barreiras comunicacionais,

conforme discute o autor.

A representação do cabelo da mulher negra, ao mesmo tempo esvoaçante e pressionado, juntamente com suas características faciais, como lábios carnudos, maçãs do rosto salientes e nariz de base larga, coloca em evidência a presença da mulher negra na cena da violência. Esses elementos visuais contribuem para a construção de sentidos relacionados à denúncia da maior vulnerabilidade das mulheres negras diante da violência.

A mulher negra é constantemente atravessada pela violência que marca a sociedade, sendo muitas vezes marginalizada, submetida ao sofrimento e à dor. O corpo da mulher negra é frequentemente visto como objeto sexual e, ainda hoje, carrega as marcas históricas de uma representação construída como fonte de prazer para o outro.

Nesse sentido, Galvão (2021, p. 4) afirma que “as mulheres negras eram visualizadas como artigos sexuais pelos homens brancos, e quando mencionadas em livros e na literatura eram associadas à sexualidade, ou à categoria de escravas, de amas de leite ou de criadas”. A visão criada, historicamente, da mulher negra, ainda hoje, a marginaliza como produto sexual e de violência. Essa vulnerabilidade é ratificada por dados de 2026, os quais revelam que as mulheres negras representam o maior índice de letalidade no país, correspondendo a 62,6% das vítimas de feminicídio (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026).

Por ser negra, ela carrega o peso da sua cor escura, das suas lutas pela sobrevivência, da sua força como mulher digna de respeito numa sociedade que ainda a segrega por sua cor. A mulher, representada nesta obra, abarca as muitas mulheres que sofrem violência de tantas formas, seja pelo fato de ser “apenas” mulher, por ser mulher surda, ou ainda por ser negra. A mulher, na sociedade brasileira, sofre constantemente com as violências diárias em diversos âmbitos e o dia a dia que a obra faz referência marca a luta e a resistência delas ao exigirem respeito pela vida, conscientização e luta por mudanças.

Como marca da cultura surda, o artista identifica sua obra por meio de seu sinal-nome, escrito em SignWriting, elemento que representa sua identidade e autoria na produção artística. Esse dado corrobora com Borges e Alves (2024) quando afirma que há a presença do autor-pessoa através da assinatura da obra. Esses estudos indicam que essa é uma marca do autor Deivid Pereira e que só existe essa possibilidade de assinar com o sinal-nome porque ele utiliza a Libras escrita.

O sinal-nome do artista constitui uma forma de registro que expressa a afinidade do sujeito surdo com a língua de sinais, bem como os significados que ela assume em sua vida e em sua comunidade, configurando-se como um elemento intrínseco ao seu modo de ser e de se posicionar no mundo (Moura; Alves, 2015). Esse elemento, além de ser um sinal identificador de quem produziu a obra, também manifesta o sujeito Surdo dentro da comunidade, marcando seu local de fala, pertencimento e a ideologia do grupo, por meio dos aspectos culturais característicos.

A obra, em sua totalidade, remete à temática da violência contra a mulher. A representação feminina apresentada na composição evidencia a condição de vítima de violência, marcada pelo sentimento de vulnerabilidade, acuação e ausência de possibilidades de defesa. Entretanto, a obra apresenta uma mensagem de esperança e sublimação representada na transformação de seus cabelos em borboletas voando. O cabelo longo remete ao socialmente aceito como feminino e as borboletas expressam o sentido de liberdade. Ambos representam o belo.

A paleta cromática que compõe a obra atua como um potente elemento argumentativo na produção de sentidos. O predomínio do roxo e de seus matizes, como o violeta e o lilás, evoca diretamente a identidade visual histórica dos movimentos feministas e de combate à violência de gênero. Sob essa perspectiva, Rodrigues e Ribeiro (2025) explicam que o uso dessas tonalidades representa a luta feminina por direitos e igualdade,

remetendo à mobilização histórica das sufragistas pelo direito ao voto e a posterior adoção ampla pelo movimento feminista na década de 1960.

Dessa forma, a escolha cromática do artista não ocorre ao acaso: embora dialogue temporalmente com o mês de novembro, marcado pelo combate à violência contra a mulher, a cor remete intrinsecamente ao simbolismo político do mês de março e do dia internacional da mulher.

Na base da imagem, os tons mais escuros denotam o peso da opressão e do silenciamento. Todavia, essa densidade passa por uma transição tonal em direção ao rosa vibrante e ao branco na dispersão do topo. Nessa região, a construção do cabelo da mulher se transforma progressivamente, revelando uma composição híbrida: elementos que ora se assemelham a flores em desabrochar, ora ganham contornos de borboletas em pleno voo, simbolizando plasticamente o movimento de libertação, metamorfose e emancipação feminina.

Ademais, o contraste com o branco da face realça a metáfora da parede de vidro e do isolamento, enquanto as mãos em roxo com contorno vermelho acentuam o signo visual de urgência, perigo e interdição diante da violência sofrida. Por fim, a variação tonal utilizada na grafia da Libras (*SignWriting*), que acompanha as cores da figura feminina e dos elementos alados, demonstra que o registro linguístico emerge intrinsecamente vinculado à própria materialidade expressiva do sofrimento e da resistência. Sendo assim, a obra se consolida não apenas como uma denúncia da violência contra as mulheres em geral, mas como uma representação encarnada do protagonismo e da resistência das mulheres surdas.

Bakhtin (2006) afirma que o sentido é construído pelo sujeito por meio das relações sociais e do processo de interação. Considerando que todo discurso é ideológico, como destaca o autor, a produção reflete uma ideologia e revela traços culturais da sociedade,

especialmente no que diz respeito à violência sofrida pelas mulheres ao longo do tempo. Esse contexto está relacionado à luta e à resistência histórica das mulheres, bem como à condição em que a obra foi produzida, situada no marco da celebração do Dia Nacional de Combate à Violência contra a Mulher.

Portanto, na produção de sentidos, a linguagem verbal e visual atuam de forma integrada e indispensável. Separá-las comprometeria a expressão e a compreensão do enunciado, que deve ser interpretado em sua totalidade, considerando a articulação simultânea entre o que é visto e lido (Brait, 2013).

A obra articula dois mecanismos de produção de sentido e significação: a imagem e o texto. Nesse contexto, o elemento linguístico materializado pela escrita em *SignWriting* constitui uma marca da dimensão verbal da cultura surda, funcionando como registro da língua sinalizada. Essa representação escrita contribui para a legitimação e valorização da língua, além de estabelecer uma relação indissociável com o contexto discursivo no qual a obra é produzida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a obra apresenta todos os elementos que envolvem as discussões das teorias abordadas neste artigo. O uso da imagem, em referência aos aspectos culturais da comunidade surda, e o registro por meio do texto escrito em *SignWriting* são componentes fundamentais dessa construção.

A produção, por sua vez, configura-se como uma unidade de sentido, composta tanto pelo texto verbal em escrita de sinais quanto pela imagem da mulher, que atua como recurso visual simbólico da violência ainda presente na sociedade. Diante disso, os recursos mobilizados articulam-se na construção de um todo significativo para o leitor.

Dessa forma, é de extrema relevância que produções dessa natureza, elaboradas por

sujeitos surdos, sejam cada vez mais analisadas e discutidas, uma vez que expressam a cultura surda, problematizam questões relevantes da sociedade e contribuem para a valorização de seus autores, cujas criações são permeadas por elementos capazes de suscitar discussões enriquecedoras.

Por fim, considerando que os sentidos de um texto são inesgotáveis, sugerimos a realização de novas pesquisas com as obras de Deivid Pereira, a fim de compreender os múltiplos sentidos produzidos em suas criações, bem como identificar características recorrentes em sua produção artística, como a assinatura por meio do sinal-nome e a abordagem de temáticas relacionadas às datas comemorativas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BORGES, Margarida Rodrigues de Andrade; ALVES, Edneia de Oliveira. Análise de sentido do texto verbo-visual da obra artística de Deivid Pereira. **DLCV – Língua, Linguística & Literatura**, João Pessoa, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/43353>. Acesso em: 25 nov. 2020.

BORGES, Margarida Rodrigues de Andrade; ALVES, Edneia de Oliveira. A presença da Polifonia em obras verbo-visuais de autoria surda. **Ensaaios Pedagógicos**, v. 8, n. 3, p. 63–78, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/enp.v8i3.3822527-158X>. Acesso em: 22 maio 2026.

BOTELHO, Betiza Pinto. **A mulher surda em Cinderela Surda**: uma análise da ideologia da personagem. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

BRAIT, Beth. A palavra mandioca: do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142–160, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 181-206, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 5 abr. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. **Altera o Código Penal para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio**. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 5 abr. 2026.

BREDA, Valdenise Simone Melo Moulin. A aplicação da escrita de sinais (*SignWriting*) no Brasil. **Revista Leitura**, Maceió, n. 57, p. 111-133, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2827>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BUBNOVA, Tatiana; BARONAS, Roberto Leiser; TONELLI, Fernanda. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 279-289, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a16.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

DSW SIGNWRITING. **Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher**. 25 nov. 2024. Instagram: @dsw_signwriting. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCy7jAxJP5u/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

FERNANDES, José David Campos. **Semiótica e gramática do design visual**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

FIORIN, José Luiz. Semiótica e comunicação. **Galáxia**, São Paulo, n. 8, p. 13-30, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/viewFile/1390/869>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FORMENTÃO, Francismar. Mikhail Bakhtin: contribuições para o estudo da semiótica da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2900-1.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Infográfico**: retrato dos feminicídios no Brasil. São Paulo: FBSP, 2026. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso em: 5 abr. 2026.

GALVÃO, Ianne. Mapa da violência contra mulheres negras: reflexões sobre racismo e gênero na sociedade brasileira. **Revista de Direito**, v. 13, n. 2, p. 1-17, 2021.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 155-174, 2010. Disponível em: <http://projetoledes.org/wp/wp-content/uploads/Lodenir-Karnopp.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LIMA, Maria Aparecida Marques de. **Movimentos de tronco em Libras na produção poética de Isabel Alvim**: a construção de sentidos em análise. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br>. Acesso em: 19 maio 2025.

LIMA, Valquiria Botega de. O conceito de palavra sob o olhar de Mikhail Bakhtin. **Revista Linguasagem**, São Carlos, v. 12, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/593>. Acesso em: 28 nov. 2020.

MARTINS, Carlos Roberto. A mulher surda na comunidade de surdos. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br>. Acesso em: 29 nov. 2020.

MOURA, Janilson Nóbrega de; ALVES, Edneia de Oliveira. Cultura surda no livro didático de Libras. In: ALVES, Edneia Oliveira (org.). **A extensão universitária**: fonte de conhecimento para área de Libras. João Pessoa: Ideia, 2015.

NICOLAU, Marcos *et al.* Comunicação e semiótica: visão geral e introdução à semiótica de Peirce. **Revista Temática**, ano VI, n. 08, 2010. Disponível em: <https://bityli.com/H9GFZ>. Acesso em: 23 nov. 2020.

OLIVEIRA-FILHO, João Batista Alves de. **Análise verbo-visual de textos literários** adaptados para a comunidade surda. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br>. Acesso em: 1 jun. 2025.

OLIVEIRA-FILHO, João Batista Alves de; ALVES, Edneia de Oliveira. Uma leitura semiótica da escrita de sinais. **Acta Semiótica et Lingvistica**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 33–54, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2446-7006.2019v24n1.49039. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/49039>. Acesso em: 24 nov. 2020.

PAIXÃO, Ezequiel Adney Lima da; ALVES, Edneia de Oliveira. Libras em suas modalidades. In: PEIXOTO, Janaína Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos (org.). **Artefatos culturais do povo surdo**: discussões e reflexões. João Pessoa: Sal da Terra, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, 2006.

RIBEIRO, Dayane Menezes. **Violência de gênero no Brasil contemporâneo**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, 2024.

RIBEIRO, Olivério de Paiva. **Cultura organizacional**. 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com>. Acesso em: 24 nov. 2020.

RODRIGUES, Évelin Pellegrinotti; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Palavra mulher: vozes que ecoam o combate à violência contra mulheres. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 13, n. esp., p. 103-124, 2025.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SILVA, Thiago Dias da. **Análise dos sentidos com expressões de boca (satisfeito e insatisfeito) no poema Ingenuidade**. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2018.

STUMPF, Marianne Rossi. Língua de sinais: escrita dos surdos na internet. *In*: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 5., 2000, Viña del Mar, Chile. **Anais** [...]. Viña del Mar, Chile, 2000.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting**. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br>. Acesso em: 23 nov. 2020.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

VIANNA, Rodolfo. A linguagem pela perspectiva do Círculo de Bakhtin. **Odisseia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 19–33, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br>. Acesso em: 26 nov. 2020.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e valor**. Organização de Georg Henrik von Wright e Heikki Nyman. Tradução de Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2019.

RECEBIDO EM: 27 de abril de 2026
APROVADO EM: 16 de maio de 2026
Publicado em julho de 2026